

A Travessia do Rio Aqueronte

Jorge Miguel

Extraído do Livro *Caminhos Errantes da Liberdade*,
do Prof. Jorge Miguel,

An extract from the book *Wrong paths of
liberty* by Prof. Jorge Miguel.

Eternamente, e ternamente, é ter na mente, éter na mente”, texto que vi, em grafite, no muro da escola em que me ensinaram a ler. Confesso que nada entendi. É de supor. Criança, nove anos, difícil entender o jogo de palavras. Cinco anos depois, sentado a uma mesa na calçada de um bar, bebendo pela primeira vez, compreendi, no corpo e na alma, a verdade daquele texto. Que prazer! Que ternura! Queria parasse o tempo, já que não vivo a eternidade. Naquele instante, não havia sofrimento. A ansiedade que me acompanhou até o bar, cessou com o primeiro gole. E os amigos... Como eram alegres, risonhos e saudáveis! O paraíso terrestre era a mesa a que me sentei, na calçada à sombra daquele bar. Tudo eram flores: a gentileza do garçon, as gargalhadas dos amigos, as piadas que se sucediam, o pôr do sol e a beleza das meninas, desfilando no passeio. Mesa de quatro lugares tomados. Toalha de quatro bicos, bordada. Prato de quatro queijos servidos. O paraíso terrestre era onde estava. Lembra-me ter chegado ao bar ansioso. Meu pai havia-me agredido. Não agressão física. Agressão verbal. Ele era um obstinado trabalhador. Honesto, decente, levava a vida sob rígida moral. Contudo, minha presença lhe era indiferente.

Lembra-me, um dia, seu aniversário, sob forte chuva, entrei em casa. Vi-o sentado na cadeira de balanço. Mesmo à distância, estendi-lhe o braço com o propósito de cumprimentá-lo. Olhou-me severo e ordenou:

– Volte e enxugue os sapatos no tapete.

Voltei, abaixei o braço mas não tive mais vontade de cumprimentá-lo. Talvez não soubesse que fosse dar-lhe a mão. Talvez nem mesmo soubesse que era seu aniversário. A rigidez de meu pai, amedrontava-me. Alto, forte; suas mãos enchiam duas bandejas de pizza. Naquele dia, gritou comigo. Havia acendido a luz do quarto, de dia e janelas fechadas. Entrou no quarto violento como soldado no esconderijo do inimigo. As imensas mãos empurraram as janelas de madeira,

tamanha força que ambas abriram-se e fecharam-se em seguida. Menos violento, abriu-as novamente e fez com que a luz do sol invadisse o quarto. Desligou o negro interruptor da luz, empurrou-me bruscamente, disse uma série de impropérios e saiu. Ainda no corredor ouvi do quarto que um bezerro vale algumas pratas. Filho não vale prata alguma. Ansioso e deprimido, cheguei ao bar, naquele dia. Um bar de porta de madeira, pintado de vermelho escuro com mesas e cadeiras na calçada.

Entrei cedo no mundo da droga. Catorze anos. Cedo como se tivesse de percorrer longa jornada. Tudo era motivo para bebida. Depois da aula, antes do baile, na hora do baile, antes de ter dançado com Gisele, depois de ter dançado com Gisele, antes da festa, sabendo que lá seria servida bebida, depois da festa, saudando o último gole do dia, durante a festa, aproveitando-se do fácil e gratuito. No início achava que poderia parar de beber no momento que quisesse. Hoje sei que não podia.

Consegui cursar o ensino, até o 2º ano do 2º grau. Não bebia de manhã e assim vencias algumas tarefas escolares. Reprovaram-me na 8ª série. Fiz novamente. Ingressei no Colegial. Primeiro ano com dificuldade. Em maio, abandonei a escola. É que não conseguia deixar de beber também de manhã. Tudo que desejava era ter concluído o colegial. A faculdade também era um sonho. Se tivesse concluído o Colégio, faria Desenho Industrial. Tenho certeza de que seria bom profissional. Criar um rótulo diferente para a embalagem de café, arroz, doces, bebidas... Que fascínio! O fluxo luminoso provocava em mim uma sensação subjetiva delirante. Na infância, o arco-íris era-me sobrenatural. Aquela dispersão de luz solar em gotículas de águas suspensas na atmosfera, arcos de circunferências coloridos... Que deslumbramento! Ganharia a vida, fazendo o casamento de suas cores. As cores se casam facilmente, porque são amantes. Ah como saberia criar uma embalagem de café! ... Uma negra, tão negra quanto o café negro, corpo bonito embora já de idade, cujo pensamento expressaria com a radiância de um tom brilhante contra um fundo sombrio. O cliente beberia, no café, o corpo e a alma da negra exuberante. As cores das flores na primavera; a lua cheia nas noites da semana-santa; as estrelas no inverno de julho; todo momento é um belo momento desde que o éter não seja o inquilino de sua mente. Não consegui concluir o Colegial, muito menos ingressar no

Curso de Desenho Industrial. Porque tinha que beber também de manhã, abandonei a escola. Saudades da escola. Não de todos os professores. De alguns... De poucos... O professor de desenho, alto, cabelos volumosos e grisalhos, dedos longos iguais aos de pianista... Gostava dele. Diziam-no solteiro e freqüentador de prostitutas. Formado engenheiro pela escola pública, dava aulas de desenho. Poderia ganhar milhões e vivia de migalhas. A paixão cruel pela criação matava-o de fome. Pagou caro pelo dom divino da criação. Qualquer desejo pessoal invalidavam-no a arte e o amor pelo magistério. Fazia conosco exercícios inovadores. Todos em pé, olhos bem abertos, andem pela sala, apontem um objeto e mudem o nome da cor dele. Gritem o mais alto possível. O azul é cinza; o vermelho é branco; o marrom, laranja; o preto, amarelo; o lilás, bege. Dez minutos depois, era o caos. Perdemos os conceitos habituais; vivíamos em outro mundo. De todos os colegas, só eu já havia sentido semelhante sensação. O éter na mente dava-me também o mesmo estado psicodélico; tudo novo, livre de conceitos já conhecidos. A vida eram as ilusões. Assim nascia vagarosamente meu gosto pelo desenho industrial. Achava que seria capaz de mostrar o infinito oculto, ignorando a superfície aparente. Já disse que meu professor era alto. E eu queria ser alto como ele. Curvou-se um dia sobre a carteira para falar comigo. Cheirava à água-de-colônia feita com a essência de alfazema. Lavanda vulgar. Preço que pagava para ser o sacerdote da arte. Viu-me desenhando a negra no rótulo de uma fictícia propaganda de café. Olhava com o dedo, seguia cada traço com o dedo indicador, grosso de unhas compridas e sujas. Perguntou-me se a negra fora criada no momento ou se já trazia havia tempo na mente. Não esperou a resposta. Expôs-me a teoria de Michelangelo. Para o escultor italiano a estátua já está contida na pedra; o que faz o artista é, meramente, descascar a pedra e deixar saltar “Moisés” ou “David” presos desde o princípio dos séculos. Tinha razão. A negra tinha-a eu presa na mente. Via-a projetada em cada folha de papel em branco. A bebida ou o desenho? Fiquei com o álcool e joguei nas reminiscências o gosto pelo desenho.

Porque bebia, parei de estudar ou parei de estudar para continuar bebendo. Não sei qual a causa, qual o efeito. Longe da escola, tinha o tempo todo. Na minha cidade, há mais bares que escola. Não era difícil encontrar bebida, companhia e gargalhadas.

Naquele mesmo bar de porta de madeira, pintado de vermelho-escuro, com mesas e cadeiras na calçada, bebemos, numa só tarde, dezesseis cervejas. Éramos quatro. Quatro cervejas para cada um. Neste cálculo, não estão incluídos a vodca da manhã, duas batidas no almoço e duas doses de uísque antes de dormir. Percebi algumas hemorragias digestivas, efeitos de uma gastrite. Não fui ao médico. Dor e queimação no estômago. A cura era fácil. Bastava ingerir um ou dois copos. A dor desaparecia. O álcool aliviava-me a dor de estômago, de dente, da depressão, da solidão e da vida. O álcool só não me curava as eritemas e a hipertrofia nasal. Manchas avermelhadas na pele e crescimento da extremidade do nariz, cada vez mais vermelho. Também não fui ao médico. Comia pouco. Na verdade nunca tinha fome. Iniciava-se, então, um processo inflamatório e degenerativo dos nervos. O sintoma começou pelos membros, a partir das extremidades. Diminuíam os reflexos da rótula e cotovelo. Andava com dificuldade. Fui ao médico. Ouvi dele o que já sabia: abstinência definitiva do álcool. O médico trazia na mesa alguns livros de sua autoria. Disponha os livros de tal maneira, que a leitura do autor era acessível a quem sentasse a sua frente. Nunca havia visto médico de avental azul. Um bolso, no alto do avental, guardava um maço de cigarro cuja marca não me lembro. Recebi a orientação do tratamento, agradei a gentileza e, com dificuldade, ganhei a porta da saída e do elevador. Fui ao médico para saber o que já sabia: abstinência definitiva do álcool.

Eram quatro da tarde. Sol tímido encoberto por algumas nuvens escuras. Calça e camisa largas, desfraldadas como bandeiras ao vento. Atravessei a rua com dificuldade. Dez minutos depois, já estava sentado à mesa naquele bar de portas de madeira, pintado de vermelho escuro. O primeiro copo fez cessarem as dores do estômago e das juntas. Cessaram com o segundo, a sensação de solidão e a de insegurança. O terceiro copo fez-me um jovem feliz, com o pensamento nas estrelas e o coração na lua. Bebendo, ponho as dores e preocupações no exílio. Éter na cabeça para não perder a cabeça. Naquela tarde, bebi muito. Estava só. Bebia para prevenir-me contra a sede. A prevenção é melhor que a cura. “Morrerás lentamente”, profetizou-me o médico. Não lhe respondi mas falei comigo mesmo que não estava com pressa.

Há uma desgraça muito grande que pode

acontecer na vida de cada um. Ser órfão? Não. Pode-se ser órfão de pai apenas ou apenas de mãe. Há pessoas que morrem... e eu serei uma delas, sem terem sido órfãs. Aliás, a uma criança órfã, sempre lhe resta uma tia ou avó. Não ter mãe? Não. As mães morrem e outras serão as mães. A mãe ama mais aos filhos seus que aos avós, porque a vida começa todos os dias. Amor que reflete a perpetuidade. Amor necessário à conservação da espécie. O mundo seria insuportável se as criaturas tivessem boa memória. A maior de todas as desgraças é não ter mãe sem ser órfão. Meu amigo, um loiro de cabelos na forma de caracol, o mesmo que toma cerveja comigo no bar de porta de madeira pintado de vermelho, não é órfão e não tem mãe. Essa é a pior desgraça da vida. Eu não sou órfão e tenho mãe. Ela é bonita. Os cabelos negros descem pelos ombros. Às vezes ela os usa soltos. Outras, prende-os em tranças grossas e longas. Os olhos de minha mãe, grandes e negros, revelam sua inteligência. O nariz geralmente revelador da estupidez humana, nela, à moda grega, deixa ver uma alma meiga e sublime. No rosto sem rugas, rosas. Sua pele, delicada e fina, separa minha mãe em dois pedaços. De fora, o lado das cores: morena clara, jasmim, árvore da Índia, jambo. De dentro: dor, sofrimento, aflição, tristeza, mágoa. O lado de fora embeleza o mundo; o lado de dentro chora o filho drogado.

“Vou levá-lo ao médico” disse-me minha mãe com voz doce, que só as mães costumam ter. Eu não a contrariei. Não me custa fazer-lhe a vontade. Não precisaria ir ao médico para saber a doença que me acode desde os catorze anos. Mas ela insistiu tanto, que não houve como não atendê-la. Voltei ao médico, agora acompanhado de minha mãe. Ao mesmo médico que havia profetizado: “Morrerás lentamente”. Apalpou-me a barriga; estava rígida. Minha professora de Português, lembro-me de uma aula, explicou que amarelo-avermelhado fala-se kyrros, em grego. Talvez seja a origem da palavra cirrose. Cirrose hepática, é o que ouvi do médico, falando no ouvido de minha mãe. Sentado na maca, aproveitei para ler os títulos dos livros escritos pelo médico. Entre eles “Cirrose de Laënnec”. Nunca soube que o médico francês Renato Laënnec tivesse desenvolvido algum estudo de cirrose. Sei que, no século XIX, Laënnec escreveu sobre auscultação, diagnóstico que consiste em escutar os ruídos que têm a sede nos pulmões ou no coração. Mas como

o mundo está repleto de charlatães, fiquei calado e deixei ambos confabularem sobre a cirrose, meu destino e minha vida. O médico diagnosticou o que já sabia. Posso ser drogado; estúpido, nunca. Percebia o fígado aumentado. Ouvi também “fase irreversível”. Já sabia. Barriga-d’água, veias túrgidas nas mãos e no rosto, tudo revelava-me cirrose hepática, na fase irreversível. Percebi o que o médico não percebeu. Estava corpulento, disse-me o médico. Na verdade estava inchado. Não percebeu também aumento das mamas – a feminilização que denuncia a não metabolização dos hormônios masculinos. Os romanos diziam que o doente do fígado tem um “factor hepaticus” - odor de cadáver em decomposição pela não eliminação de substâncias tóxicas do organismo. E eu tinha o “factor hepaticus” de que falam os romanos. O médico não percebeu porque não abri a boca. Percebeu a icterícia mas não percebeu o aumento das glândulas da caxumba. A medicina não cura nem resfriado. Que vim fazer eu aqui, neste consultório, branco e cadavérico, com livros sobre a mesa de um autor conhecido. A medicina só cura infecção... e eu não estou infeccionado. Disse-me o médico que morrerei lentamente. Pelo menos, não engana o desenganado.

Saí do consultório de braços dados com minha mãe. Estava calor, conquanto já era mês de junho. O sol parecia dizer a quem quisesse ouvir que existia. Seus raios castigavam a pele de minha mãe; pele morena e delicada. Com dificuldade, ajudou-me atravessar as ruas. Andava lento; não podia andar mais rápido. Ainda que pudesse, não saberia onde ir. Quem não sabe para onde vai, melhor é andar lento. Eu não gosto de andar, aliás ninguém gosta. Os que andam assim o fazem porque foram operados do coração. Percebi que minha mãe levava-me à Igreja. Com dificuldade subia as escadas. Conteí sessenta e seis degraus. Não era um templo em ruínas; não merecia, então, minha admiração. Minha mãe caiu de joelhos no chão e pedia aos santos dessem-me sete dias, pelo menos, de abstinência. Chorava rios de lágrimas. Li um dia nos salmos – “Os que com lágrimas semeiam, com júbilo ceifarão.” Pedi com lágrimas e conseguiu o que queria. Disse-lhe, descendo as escadarias, que faria abstinência de bebida alcoólica. No plano da rua, olhou-me tão fixo que desviei o olhar. Mandou que repetisse. Repeti. Faria abstinência de sete dias. Atravessamos a rua. Do outro lado, olhei a torre da igreja. Erguido

em sua cúpula, enorme pára-raios, que, depois de Franklin, protege as igrejas do efeito do raio. Nunca soube de igreja que não recebesse uma haste de ferro, fixa na parte culminante da torre. Se a igreja fosse a casa de Deus, não seria necessário um pára-raios em sua cúpula. Chegamos em casa. Entrei só no quarto, não era preciso amparo. Começaria ali a abstinência. Dormi sem tirar a roupa do corpo. O sol ainda demoraria para se pôr. Foi a primeira vez em toda a minha vida consciente que o sol se pôs, estando eu já dormindo. Acordei com o sol. Era uma sexta-feira. Que dia tenebroso. Sem ter bebido na véspera e sem ter ingerido um só gole de minha costumeira cerveja matinal, entrei em convulsão. Parecia epilético. Soube depois, que meu corpo agitava-se no ritmo de salsa cubana. Abalos corporais generalizados, diminuição e perda de consciência. No sábado, ainda em abstinência, visitou-me a alucinação. Ouvia vozes. “Você é gay” “Quem está me chamando de gay?” “Não sou gay”. No domingo, “delirium tremens”: ratos, aranhas, baratas, serpentes, jacarés coloridos, andavam pelo meu corpo, enfiavam-se sob as vestes, lambiam-me os pés, os braços, o pescoço, o rosto. Coração em ritmo acelerado, vesti-me às pressas e, andando aos trôpegos, ganhei a rua do bar de porta de madeira, pintado de vermelho-escuro, com mesas e cadeiras na calçada. A primeira cerveja curou-me a convulsão, a alucinação e o delírio. A segunda, levou-me ao paraíso. A terceira, ternamente, colocou-me em concerto com o universo.

Eu me chamo Emílio. Nasci dia 1º de abril de 1964. Quem nasceu no primeiro dia de abril de 1964 tem muita probabilidade de ser um jovem drogado. Batizei-me na Igreja Santa Cecília. Houve música e dança para comemorar o batismo. Minha mãe apostava em mim. Mas o dia do nascimento... Antes tivesse havido eclipse naquele dia. Ouvi da professora de História que o calendário gregoriano suprimiu dez dias do ano de 1582. Minha vida seria outra, se não tivesse nascido no primeiro dia de abril de 1964. O mundo poderia dormir dia 31 de março e acordar no dia 10 de abril de 1964. Eu teria nascido em 10 de abril. Seria outro ser humano. Meus professores eram representantes do milagre brasileiro. E a escola de bacharéis transformou-se na escola dos tecnocratas. Perdeu o interesse. Filosofia, sociologia, psicologia foram expulsas. Filosofar não se coaduna com a data de meu nascimento. História

e Geografia fundiam-se; não eram matérias independentes. Português mudou tanto que mudou de nome, Comunicação e Expressão. Basta comunicar-se, independente do rigor gramatical. Minha professora de Português era quase analfabeta. Lia o texto que ela colocava no quadro, soletrando as sílabas. Não havia superfície mais desinteressante na escola que o rosto de minha professora de Português. Todas as linhas da face convergiam para a boca e esta era miúda para suportar tanta convergência. Boca pequena e enrugada. Abrindo, mal se viam os dentes e, vendo-os, viam-se dentes pequenos e desalinhados. Pôs na lousa um verso, não me lembro se de Alvarenga Peixoto ou Tomás de Gonzaga. “Se Nise vir aqui agora, morro por ela”. Grifou ambos os verbos e nos pediu os sujeitos. Deu Nise como sujeito do verbo ver. Errou. Confundiu o objeto direto com o sujeito. Ninguém percebeu o engano da professora. Éramos uma classe de conformistas esquizóides. Nasci dia primeiro de abril de 1964. Meu destino estava escrito. Qualquer cartomante poderia ler na minha mão, como lê facilmente nas linhas da mão de funcionário público, o presente, o passado e o futuro.

“Tu és pó e ao pó tornarás”, profetizou o Gênesis. Segui a determinação da Bíblia. Mergulhei no pó branco, na cocaína, no pó do alemão Niemam. O pó cura tudo: dores de estômago, caquexia, anorexia, doenças respiratórias e, principalmente, o medo da solidão. Se o Dr. Freud vivesse, teria-me aliado. Lá iria eu, em sua oficina, buscar o pó branco para excitar este ser deprimido e angustiado. A Coca-Cola era muito mais estimulante que hoje. Trazia o pó branco em sua fórmula original. Não se fazem mais bebidas como antigamente. O pó injetável surte efeito mais rápido. Em minutos, um jovem tímido transforma-se em gigante, de inteligência rara e raciocínio rápido. O estresse desaparece. O medo transfigura-se valentia. O anão, gigante. Cocaína é orgasmo. O riso é fácil. A palavra é fácil. A vida é fácil. Imaginação não falta a um drogado. Levei a cozedura a mistura da cocaína com bicarbonato e água. Surgem pedras que consumo prazerosamente em cachimbos. Existe mais filosofia em uma pedra de Crack do que em toda enciclopédia. Há um demônio em cada torrão. Dá força ao coração e ao espírito, calor ao corpo, esmorece a melancolia, dá coragem ao desencorajado, torna suave todos os caminhos. Eternamente éter na mente. À tarde,

cheiro cocaína e canto de alegria pela proximidade da noite e à noite, fumo crack porque finalmente ela chegou. “Tu és pó e ao pó voltarás.”

A religião é o ópio do povo, diziam os comunistas. Nada mais injusto. Nenhuma religião tem o êxtase do ópio. O ópio tem a chave do paraíso. Religião é freio; o ópio, é liberdade. Religião pune; o ópio premia. A religião extrai seu sangue do vinho; do fruto da papoula o ópio extrai seu leite. Sensações de orgasmo, de vigor, de plenitude, de despreocupação. O ópio elimina qualquer problema.

Estou escrevendo estas memórias no meu quarto do Hospital Santa Cecília. Há três meses, ocupo o apartamento 666. Da janela aberta, vêem-se três palmeiras imperiais. No canto do quarto, flores. Não sei quem as trouxe. Talvez o professor de desenho, aquele de dedos de pianista. Estou sentado em uma poltrona ao lado da cama. Entrei no Hospital para amputar a perna direita. Necrose, por excesso de aplicação injetada de ópio. Ontem – primeiro de abril de 1994 – completei 30 anos. Sem perna, exausto, pálido, magro, abúlico, sei que estou morrendo lentamente, de acordo com a profecia médica. Que é a morte, senão o sinal de igual na equação da vida? Assim diziam os gregos. Morrerei cedo. Levo grande vantagem sobre todos contemporâneos. Eles viveram juntos. Eu sempre vivi sozinho. Mas a morte não se realiza em parceria. Cada um morre sozinho... e eu morrerei como vivi: único, só, desacompanhado. Mais uma vantagem. Na velhice, ausência de prazer e muita dor. A morte na juventude elimina a possibilidade de chegar-se ao inverno da vida. Assim, na minha idade, a morte é um bem. A enfermeira entra para fazer o curativo na perna amputada. Abaixa-se, põe-se de joelhos sobre a laje vermelha e, com carinho, começa a tarefa. É uma enfermeira jovem e feia. As enfermeiras deveriam ser bonitas mas não é tão fácil encontrar mulheres bonitas que queiram ser enfermeiras. Era feia talvez. Mas que mãos macias! A cisão fora a um palmo acima dos joelhos. Ela faz a lavagem como mãe que, pela primeira vez, lava o filho. Termina, põe a bacia sobre a mesa, fala-me graciosamente como falaria ao pior dos bandidos doentes, abre a porta e se põe de costas no corredor, fechando-a lentamente, com um sorriso nos lábios. Novamente, só olho as palmeiras e espero a morte. Como é impossível parar de pensar, pergunto-me por que sou drogado? Por que entrei tão cedo neste caminho

sem retorno? Por que eu e não o vizinho? Por que eu e não meu professor de desenho – aquele de dedos de pianista? Meu amigo louro, de cabelos em forma de caracóis, aquele que não tem mãe, embora não seja órfão, parou de drogar-se aos dezenove anos e nunca mais se aproximou de entorpecentes. Por que nunca consegui? Que há em mim, em especial, que nunca consegui ficar sem éter na mente? Desde que amputei a perna só penso nisso. Talvez meu pai seja a causa. Ele sempre dizia que um bezerro valia algumas pratas e eu não valia nada. Contudo, conheço alguns pais de colegas da escola. Quase todos iguais. Para eles, filho é um estorvo, um peso. Só toleram o filho que traz o salário para casa. Caso contrário, sentem que filhos nunca deveriam ter nascido. Nenhum de meus colegas é drogado. Nunca dei muita importância ao fato de meu pai ignorar-me. Embora para Dostoievski todos os homens querem a morte do pai, tentei seguir os ensinamentos do Antigo Testamento: “Honra o teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá” Aos meus pais sempre honrei. Nem por isso terei vida longa. Entre o autor russo e a Bíblia fiquei com esta mas ela não ficou comigo. Definitivamente, não! Meu pai não é o responsável pelo meu destino.

Serei eu drogado por ter nascido em primeiro de abril de 1964? A probabilidade é grande, mas não necessariamente. Coincidência ou não, três rapazes que vendiam droga, nasceram no dia em que nasci. Dia da mentira. Antigamente, o ano começava em primeiro de abril. Era costume dar presentes. Com a mudança do calendário, mudou-se o primeiro dia do ano, mas as brincadeiras fixaram-se em primeiro de abril. Pedras embrulhadas como presentes, convites a bailes e jantares inexistentes... dia da mentira. A mentira não tem dia. Todos mentem. Comerciantes mentem e políticos muito mais que comerciantes. Hoje de manhã, o médico disse-me quisera um coração tão robusto como o meu. Mentiu. A enfermeira que me sorri, mente. A copeira que, levando a bandeja, deseja-me um bom dia, mente. O padre que me dá a comunhão, mente, porque não acredita que a hóstia é o corpo, a alma e a divindade de Deus. Não está em erro. Quem está em erro, não mente. Mente quem oferece uma realidade em que não acredita. O erro atrasa; a hipocrisia mata. Primeiro de abril de 1964, dia nacional da droga. Naquele dia, a droga da televisão, a droga da cultura,

a droga da religião, a droga da política, a droga da música. Foi só naquele dia, mas tudo era droga. A droga da televisão eram os programas de auditório daquele dia. A droga da cultura eram os livros best seller; a droga da religião eram os fundamentalistas; a droga da política eram os redentores; a droga da música eram as guitarras. Toda droga em um só dia. O dia em que nasci.

Freqüentei uma sessão dos Narcóticos Anônimos. Mesma estrutura e método dos Alcoólicos Anônimos. Foi no começo do ano. Já não andava. Tinham-me comunicado da amputação. Fui carregado pela minha mãe e o colega loiro de cabelo em forma de caracóis. Ouvi o depoimento pessoal de um rapaz de aproximadamente 25 anos. Alto, magro, cabeça em forma de pêra com enorme cova no queixo. Começou dizendo que era drogado, porque não tinha emoção. Nada o fascinava. O pôr do sol, um vale verde, montanhas ao longe cobertas pelas nuvens, tudo lhe era indiferente. A música, a literatura, a dança, o cinema, o teatro, nada provocaria nele qualquer emoção. Foi buscar num filósofo francês mais fundamento para sua tese. Observe um jogador de cartas, nos dizia. Um viciado que joga de manhã, à tarde e à noite. Jogador de carta que se senta à mesa de um carteadado na sexta e levanta-se na segunda de manhã. Viciado que não abandona a sala de jogos nem para as necessidades fisiológicas. Prefere colher a urina num vaso destes que se usam nos hospitais a ter que sair da sala e ficar à mercê de falcatrua contra si. Observe um jogador de cartas, insistia o rapaz de cabeça em forma de pêra. Faça-lhe uma proposta: dar-lhe todo o dinheiro que poderia ganhar no jogo, desde que não jogue. Aceitaria o viciado a proposta? Pergunta-nos o rapaz de cova no queixo. Ele mesmo responde que o viciado não aceitaria proposta. Dir-se-ia, então, que o viciado joga, não pelo dinheiro, mas pelo prazer de jogar. Faça-lhe outra proposta: jogue o carteadado sem apostar. Também não aceitaria. Concluímos que o viciado não joga pelo dinheiro nem pelo prazer de jogar. O dinheiro poderia ganhar sem jogar e as cartas poderiam ser jogadas sem apostar. Que busca, então, nosso viciado? Busca a emoção que a vida não lhe dá. Busca, no baralho, a poesia de um pôr do sol que nunca consegue ver. O rapaz de cabeça de pêra e cova no queixo sentou-se, enxugou gotas de suor no rosto e concluiu: sou um drogado, porque tal qual o viciado, nunca encontrei emoção na vida. A música

não me atraí. Pelo contrário, repudio a música. Nunca movi o corpo no ritmo de uma salsa. Uma pitada de pó vale a emoção de toda a literatura.

Seria meu caso semelhante ao do rapaz de cabeça em forma de pêra? O pai que tenho, o dia em que nasci, o depoimento do rapaz de cova no queixo... é possível que comandaram meus fados. Todavia, em mim seria preciso pesquisar outras causas. Meu pai ignorava-me a mim e eu o ignorava a ele. Nascer dia primeiro de abril de 1964 é uma catástrofe, mas muitos superaram a desgraça. A ausência de emoção... mas sempre gostei de desenho. É certo que apenas o desenho me emociona. Nada mais me seduz, aquece, fascina, atraí ou acaricia. Não amo à vida; melhor ainda, sou atraído pela morte.

A copeira entra no meu quarto, sem bater. Os profissionais de hospital não batem à porta do quarto antes de entrar. Iguais aos filhos que não batem à porta da casa do pai quando voltam para visitar. Traz a copeira uma bandeja com vários copos de suco. Pergunta-me ela se desejo suco de laranja ou de abacaxi ou de tomate. Desejaria, respondo-lhe eu, desejaria, desejaria... ter tido na vida um único desejo. Assim é. Nunca tive desejo. Nunca fui capaz de sair do país em que nasci; do estado em que nasci; da cidade em que nasci. Meu ideal de vida, se é que se possa chamar de vida o que é morte, seria nunca ter saído da casa, melhor do quarto em que nasci. Tudo lá fora me ensurdece. Sou um fraco. Medo de viver. Para não viver, entreguei meu coração e alma à fantasia. Agora entrego a perna direita. Pode vir a levar-me consigo, padroeira dos aflitos, estrela noturna, véu da noite, punhado de flores e de terra. Leve-me consigo, torre ebúrnea, estrela matutina, luar de agosto, ocaso de toda a nossa vida. Venha levar-me consigo, lago cristalino, ondas intransponíveis, poesia de amor eterno. Esponja úmida, apague, definitivamente, o quadro negro. Filme que não rebobina, chegou o stop da cena final. Ainda consigo escrever as últimas sensações. Eu criança, limpando os sapatos no tapete... uma negra, tão negra quanto o café negro... Meu professor de dedos de pianista, cheirando à água-de-colônia... o bar de porta de madeira, pintado de vermelho-escuro com mesas e cadeiras na calçada... O loiro que não era órfão e não tinha mãe... O rapaz de cabeça em forma de pêra. Batem à porta de meu quarto. Já disse que meu quarto é 666. Quem seria? Quem é este que bate à porta de um quarto de hospital?

Mais uma vez... outra vez... toques repetitivos...

Podem abrir – gritei eu.

Um ruído fez a porta abrir. No limiar da porta, um corcel negro, grande, imenso, feroso. Certamente mais valioso que um bezerro.

Disse-lhe eu, então:

– Pode entrar; não precisa limpar as patas no tapete.

JORGE MIGUEL

Diretor Acadêmico do Processo Seletivo da FAAP.